

## **Preconceito dos Brasileiros Contra a Educação a Distância**

**Gustavo Guimaraes Marchisotti - FGV/EBAPE**

**Fátima Bayma de Oliveira – FGV/EBAPE**

**Paulo David de Jesus Tostes dos Santos - INFNET**

**Alessandro Prudêncio Lukosevicius - UFF**

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo identificar se, no Brasil, há preconceito contra a Educação a Distância (EaD) e quais as principais razões para a existência de tal preconceito. Trata-se de uma pesquisa exploratória e de campo, com o uso de métodos qualitativos para a pesquisa do constructo estudado: preconceito contra a EaD. Por meio da coleta de dados, via questionário online, e tratamento dos dados, via análise de conteúdo, obteve-se a opinião de 100 respondentes a respeito do tema pesquisado. Para 78% dos respondentes há sim preconceito contra a EaD e as principais razões são: falta de credibilidade, falta de conhecimento, baixa interação; baixa divulgação, resistência ao suposto novo modelo de educação, a percepção do não enquadramento da EaD para determinados cursos e corporativismos dos professores.

**Palavras-Chave:** Educação a Distância, Análise de Conteúdo, Preconceito.

## 1. Introdução

A EaD é um fenômeno em expansão e que passa por mudanças no Brasil. O desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicações (TIC) possibilitaram novos níveis de difusão deste tipo de educação. Considerando o período de 2010 a 2013, apesar de ainda representar uma pequena parcela do total das graduações no Brasil – 4,1% no final de 2013 – a EaD teve um maior crescimento que as graduações presenciais, para o mesmo período – 35% e 7,8%, respectivamente (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013).

Os cursos livres - corporativos ou não corporativos – são os de maior relevância para a EaD, pois representam 80% dos cursos oferecidos nessa modalidade de educação, além de 77% das matrículas, se comparados com os 12% dos cursos que são regulamentados como totalmente a distância e os 11% dos cursos semipresenciais e disciplinas EaD de cursos presenciais. Vale destacar que dos 20% dos cursos não livres, as ciências sociais aplicadas, onde se inclui a administração, é a área de conhecimento com o maior número de cursos até 2014 (Associação Brasileira de Educação a Distância, 2015, p. 44), logo, o EaD é relevante para a área de Administração.

Os cursos EaD são considerados de grande importância financeira para as instituições de ensino, pois representam boa parte dos lucros – para 60% das instituições, a EaD representou mais de 51% dos lucros em 2014 – o que é extremamente expressivo, se comparado com o retorno financeiros dos cursos presenciais. Dessa forma, a EaD é um novo espaço para a expansão e realização de lucro, por parte das instituições de ensino brasileiras (Associação Brasileira de Educação a Distância, 2015; Mancebo, Do Vale, & Martins, 2015).

Apesar do crescimento expressivo e de haver uma percepção de que a EaD é uma ótima forma de superar a defasagem educacional no Brasil, considerando sua grandeza territorial, democratizando a educação e possibilitando a transformação social, ainda há preconceitos e resistências a respeito dessa modalidade de educação (Mancebo, Do Vale, & Martins, 2015; Baratella, 2013).

Segundo Albert Einstein “é mais fácil quebrar um átomo do que um preconceito” (Manuel, Silva, & De Oliveira, 2015), ou seja, identificar se há preconceito contra a EaD e quais as suas causas, auxiliará na definição de medidas para combatê-la, sendo essa uma das contribuições desse artigo. Além disso, há um limitado número de artigos, dissertações ou teses que abordem diretamente o tema preconceito contra a EaD, no contexto brasileiro, como *constructo* principal de pesquisa. Dessa forma, o tema é de relevância e busca cobrir um possível *gap* do saber e busca responder as seguintes perguntas de pesquisa: Caso exista preconceito contra a EaD, entre os brasileiros, quais são as principais razões?

O artigo está dividido em seis seções, a saber: na sequência, na seção 2, explica-se a metodologia utilizada. Posteriormente, a seção 3 aborda-se o referencial teórico associado ao *constructo* pesquisado. Na seção 4 há uma análise da amostra utilizada e as categorias construídas a partir da análise de conteúdo, com uma comparação dos resultados *vis a vis* ao referencial teórico utilizado. Por fim, na seção 5 realiza-se a conclusão mediante a análise de todos os achados da pesquisa.

## 2. Metodologia

O presente artigo pode ser caracterizado como qualitativo. Por meio da análise de conteúdo dos respondentes que acreditam haver preconceito contra o EaD, busca-se identificar se efetivamente se há o preconceito contra esse tipo de modalidade de educação e quais os principais fatores que o gera. “A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos.” (Moraes, 1999, p. 2). É possível, também, caracterizar como uma pesquisa de campo, que busca compreender determinado fato social em seu contexto natural (Kinchescki, Alves, & Fernandes, 2015).

Os artigos utilizados nesse trabalho foram obtidos após a pesquisa das expressões “Preconceito Educação a Distância”, “Preconceito Ensino a Distância” e “Preconceito Aprendizagem a Distância”, pois segundo Almeida (2014) ainda existe confusão a respeito da correta maneira de se caracterizar esse tipo de modalidade de educação e os três conjuntos de termos são os que demonstram melhores resultados de busca. A dificuldade em se pesquisar sobre EaD está relacionada com a existência de diversas definições que, muitas vezes, possuem elementos contraditórios. Existem ainda expressões alternativas e muito similares como “Ensino a Distância”, “Aprendizagem a Distância”, “Aprendizagem Distribuída”, “Educação Virtual Interativa”, “Educação Mediada por Tecnologia”, “Teleaprendizagem”, entre outras (Campos, 2007).

As seguintes bases de dados foram consultadas: SCIELO, SPELL, e Google Acadêmico. Inicialmente, objetivou-se artigos ou trabalhos acadêmicos que abordassem o tema de forma direta e que retratasse a realidade do Brasil nos últimos cinco anos. Como foram encontrados apenas dois artigos que abordam diretamente a questão do preconceito contra a EaD - Almeida Filho (2015) e Almeida (2014) - optou-se por analisar também outros trabalhos que abordassem o tema de forma indireta. Dessa forma, diante do reduzido número de artigos e estudos que abordem o tema de forma direta, evidencia-se a relevância de se produzir artigos que abordem especificamente este problema de pesquisa voltada para a realidade brasileira. No entanto, optou-se não por produzir considerações limitadas ao caráter cronológico ou sociológico dos discursos. (Mancebo, Do Vale, & Martins, 2015) (de Almeida Filho, 2015) (Almeida, 2014) (Baratella, 2013)

Para a análise dos dados coletados utilizou-se a análise de conteúdo. Foram analisadas todas as respostas ao questionamento “Quais as razões para o preconceito contra o EaD?” dos respondentes que responderam como “Sim” à pergunta “Há preconceito com relação ao EaD?”. A análise de conteúdo realizada nesse artigo seguiu os procedimentos e etapas, com ajustes, requisitados por Moraes (1999), a saber: 1) Preparação das informações, 2) Transformação do conteúdo em unidades – Unitarização, 3) Classificação das unidades em categorias – Categorização, 4) Descrição e 5) Interpretação. Vale ressaltar que a unitarização escolhida foram às frases.

Uma vez definidas as categorias e identificados os referenciais teóricos relativos ao tema, houve uma confrontação entre os achados de pesquisa de campo e a teoria, de forma a ser possível identificar se há preconceito contra a EaD no Brasil, quais as principais razões e se a academia está abordando apropriadamente o tema.

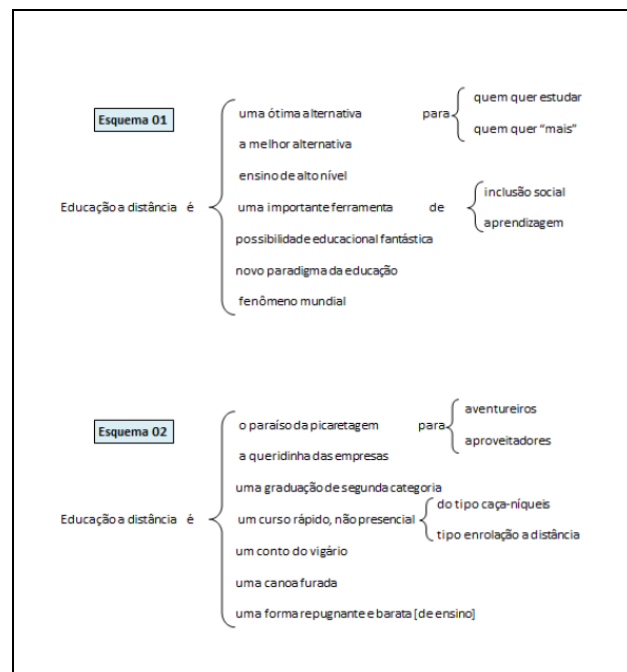
### 3. Referencial Teórico

Dentro deste quadro de crescimento da EaD é natural que existam posicionamentos

divergentes sobre o assunto. É possível observar, de acordo com Oliveira (2013), dois posicionamentos centrais no que se refere à EaD: 1) os defensores da educação presencial, que percebem a EaD como um método de educação sem qualidade; segundo Patto (2013), o ensino a distância demonstra a falência da educação, sendo uma das ameaças à integridade das escolas públicas, já que transforma o ensino em mercadoria; 2) os partidários da EaD que a compreendem como uma nova forma de educação e uma importante prática pedagógica, considerando a educação presencial como ultrapassada e antiquada.

Uma ilustrativa representação visual desses polos é retratada na Figura 1, onde o esquema 1 representa a visão positiva sobre a EaD e o esquema 2 a visão negativa.

Figura 1 - Esquemas demonstrativos da polarização da discussão sobre EaD



Fonte: De Oliveira (2013, p.71)

Há ainda uma terceira corrente, que acredita que a mescla da educação presencial com a EaD é a mais adequada, sendo esse modelo chamado híbrido (Renosto & Cardoso, 2015). Há, inclusive, trabalhos recentes baseados em estudo de caso que afirmam que o uso da EaD, como complemento do ensino presencial de cursos de graduação na área da saúde, pode tornar a formação profissional mais efetiva (Mezzari, 2011). Moran (2015) corrobora com esse entendimento ao afirmar que o sistema parte presencial e parte a distância apresenta-se como o mais promissor, especialmente na graduação, de forma a garantir uma aprendizagem significativa.

O mesmo se pode dizer para o ensino de administração. Em um estudo recente, que comparou o desempenho de uma turma de ensino presencial e outra de modalidade EaD, os resultados foram favoráveis ao segundo grupo. O desempenho em tarefas tanto individuais como em grupos, prova e interação em aula foram semelhantes, de forma geral, para ambas as turmas sendo que, na maioria dos itens avaliados, os alunos da turma EaD apresentaram melhor desempenho. Mesmo com o preconceito de alunos e professores constatou-se que o êxito no ensino-aprendizagem ao utilizar a EaD está associado com a exploração e apropriado

uso dos recursos virtuais e das ferramentas, do incentivo para participação e busca por aprimoramento das técnicas e métodos utilizados (Nascimento, da Silva, & Figueiró, 2013, p. 311).

Para qualquer modalidade de educação, há vantagens e desvantagens. No entanto, é frequente a associação negativa contra a EaD, sem um conhecimento mais profundo sobre a modalidade de educação; sem embasamento concreto, real, acadêmico ou prático que a justifique. Como abordado por Abbad (2014), há uma dificuldade em se demonstrar a eficácia da EaD em comparação ao ensino presencial, bem como outros desafios a serem superados pela EaD e que se confrontam com a realidade brasileira, como a necessidade de se promover a inclusão digital da população; maior familiarização dos atores envolvidos com a internet e ferramentas tecnológicas associadas; melhoria dos cursos baseados em EaD, com atenção para estratégias de ensino-aprendizagem que promovam maior interação e melhor uso das tecnologias de TIC; melhores sistemas de avaliação que mensurem o sistema de educação a distância; e melhor compreensão das razões da alta taxa de evasão e desenvolvimento de ações para mitigá-la. Há uma necessidade de se demonstrar que a EaD, se não for melhor é no mínimo igualmente eficaz ao ensino presencial, uma vez que há falta de uma produção acadêmica consistente voltada para esse fim - demonstrar a efetividade da capacidade de transferência de conhecimento dos cursos EaD e o nível de aprendizagem individual do aluno.

Assim, identifica-se uma carência de pesquisas que abordem a questão da qualidade e eficácia dos cursos online, sob o ponto de vista da aprendizagem e dos programas, especialmente no contexto brasileiro (Martins & Zerbini, Educação a distância em instituições de ensino superior: uma revisão de pesquisas, 2014). Dessa forma, há uma necessidade constante de investir em pesquisas que avaliem a efetividade dos cursos online delineando de uma melhor maneira as características, limitações, possibilidades e desafios da EaD, de forma que a academia acompanhe o vertiginoso crescimento dessa modalidade de educação e produza mais conteúdo relacionado com a análise do processo de ensino-aprendizagem e avaliação dos programas dos cursos online.

No entanto, segundo Santos (2006), Martins (2012) e Martins e Zerbini (2014), se analisada sob a perspectiva das universidades estrangeiras, não há mais o questionamento se a EaD é ou não precária. No exterior, a EaD é uma modalidade de educação já consolidada, o que demonstra um atrasado por parte do Brasil nesse sentido. Os autores sugerem que a dúvida com relação a efetividade do processo ensino-aprendizagem envolvendo a EaD, no Brasil, deve-se ao foco dado nos aspectos de mercado, e não acadêmico, dos projetos educacionais implantados. Além disso, não há uma fiscalização adequada no nosso contexto, que avalie e puna os cursos que não possuem níveis apropriados de qualidade. Os preconceitos contra a EaD no Brasil precisam ser dizimados, pois não há comprovação científica de que a modalidade de educação a distância seja inferior à presencial.

Há dúvidas se o preconceito contra a EaD é algo novo ou uma condição vivenciada desde o início da utilização deste método de educação. A problemática, nesse aspecto, encontra-se na dificuldade de estabelecer um início preciso para o surgimento da EaD. Apesar de alguns autores defenderem que a EaD, da forma que é conhecida atualmente, ser algo absolutamente novo, a maioria dos estudiosos entendem que esse modelo de educação possui um longo histórico de utilização (De Oliveira, 2013). De Lima e Gonçalves (2012) são enfáticos ao afirmarem que a EaD não é nova e desde a idade antiga há relatos de estudos a distância, no entanto, recentemente é que essa modalidade de educação vem recebendo atenção e destaque em cursos regulamentados, como o de graduação.

As experiências iniciais da disseminação da EaD por parte da Universidade Aberta Brasileira (UAB), a partir de 2006, foram feitas de forma atabalhoada, sem os cuidados e os debates acadêmicos necessários para que se garantisse, na época, critérios e padrões de mensuração da qualidade dessa modalidade de educação, o que trouxe um certo descrédito à EaD (Mancebo, Do Vale, & Martins, 2015). No entanto, o pioneiro no uso da EaD no Brasil foi o Instituto Universal Brasileiro (IUB), em 1941. Naquela época, o foco era mais profissionalizante, via correios, e voltado para uma especialização técnica, como a mecânica e eletrônica (Mendes, 2012).

De acordo com o Minidicionário Compacto da Língua Portuguesa, a definição de preconceito é: “opinião formada sem reflexão; convencionalismo; superstição” (Cachoeira & Baade, 2013, p. 3; Bechara, 2009). É fazer previsões, ter opiniões pré-concebidas a respeito de algo ou alguém (de Oliveira, 2014). Portanto, o preconceito pode ter um caráter positivo ou negativo, ou seja, trata-se meramente de um julgamento precipitado e dependente do contexto (Cachoeira & Baade, 2013). Nesse artigo, busca-se identificar a existência do caráter negativo e pejorativo da definição da palavra preconceito, com relação à EaD. (Bechara, 2009)

Os preconceitos fazem parte da vida de todos, não importando o tipo de sociedade ou o período, e só tem valor prático quando é externado e passa a funcionar como uma barreira. No entanto, vale ressaltar que os preconceitos auxiliam no processo de compreensão e construção social (de Oliveira, 2014). No caso da EaD, há um preconceito quando os alunos deixam de se matricular em cursos a distância, baseando-se em opiniões pré-concebidas, que não estão fundamentadas em argumentos validados, a respeito das vantagens e desvantagens dessa modalidade de ensino.

Um exemplo de barreira causada pelo preconceito contra a EaD é abordado por Zapparoli (2012) que retratada o caso em que a ABE-EAD (Associação Brasileira de Estudantes do Ensino a Distância) travou um litígio com a Prefeitura da cidade de São Paulo devido a uma restrição imposta no edital de contratação de professores, na qual os profissionais formados em Pedagogia por meio de EaD não seriam aceitos para concorrer no concurso público da instituição.

Para Almeida Filho (2015), o preconceito, que ainda é presente contra o EaD, é caracterizado pela resistência em relação aos novos recursos tecnológicos necessários para execução dessa modalidade de educação, bem como de experiências passadas de insucessos na história brasileira. A EaD é considerada como não confiável. Ainda, segundo o autor, as desqualificações com relação ao EaD são infundadas, estando associadas às variáveis culturais, a falta de conhecimento e dificuldades de adaptação com relação aos recursos tecnológicos utilizados nessa modalidade de educação.

Já para Almeida (2014) a origem do preconceito contra a EaD, que está enraizado nos atores envolvidos, parte da crença de que os alunos não aprendem, efetivamente, ou seja, a EaD não propicia a construção do conhecimento. Nesse contexto, a EaD é rotulada de ter baixa qualidade se comparada ao modelo presencial, além de ter um nível de dificuldade menor, de ser mais fácil em termos de conteúdo. Nessa perspectiva, segundo o autor, o aluno que se forma em um curso baseado na EaD brinca de estudar, compra seu diploma, tendo uma formação inconsistente em comparação à educação presencial. Para algumas pessoas, o diploma obtido por meio dessa modalidade de educação possui menos-valia, se comparado aos diplomas oriundos dos cursos presenciais.

No entanto, vale destacar que mesmo considerando a existência do preconceito contra a EaD, percebe-se que na prática, considerando o contexto brasileiro – grande território,



necessidade de capacitação da população para inserção no mercado de trabalho e deficiência de infraestrutura física - o preconceito contra a EaD vem diminuindo. As universidades vêm buscando discutir, criticar, analisar, qualificar e implantar cursos em EaD, além de disponibilizá-la como uma modalidade de educação efetivamente usada para atender aqueles que não possuem condição de fazer os cursos presenciais (Costa & Cochi, 2014).

Muito se fala a respeito da qualidade dos cursos EaD e a comparação dos seus resultados com os cursos presenciais. Grande parte do preconceito contra essa modalidade de educação baseia-se na suposta falta de qualidade dos cursos, no entanto, segundo Moran (2015), um curso de EaD de qualidade desafia os cursos presenciais no que diz respeito: 1) a flexibilidade, tanto de tempo quanto de horários e procedimentos; e 2) a mudança de foco na aprendizagem, na tutoria e no aluno, em detrimento ao ensino. Porém, vale um questionamento: Como caracterizar se um determinado curso possui ou não qualidade? De acordo com Bertolin e Marcon (2015), para o caso dos cursos superiores, a qualidade dos cursos e das instituições de ensino superior são medidos pelos *rankings*, que são baseados em exames como o ENADE ou no passado, o provão. Todavia, os autores enfatizam que essa forma de avaliação da qualidade, *per si*, não são instrumentos confiáveis e o que realmente diferencia o desempenho dos alunos é o seu capital cultural – contexto social, familiar econômico e cultural.

Para Lima e Gonçalves (2012), no EaD, o processo de ensino-aprendizagem é mediado pela TIC, o que requer um novo posicionamento dos atores envolvidos. No entanto, como o processo de educação é mais flexível, há uma melhoria na qualidade do processo educativo, se comparado com os cursos presenciais. Nesse contexto, a EaD é um processo de ensino-aprendizagem inovador e democrático, passando a ser motor de mudanças mais enraizadas na educação. A EaD pode suprir todas as necessidades educacionais, independentemente do lugar, tempo ou pessoa.

Para que a EaD tenha um desempenho apropriado em termos de objetivos educacionais e de ensino-aprendizagem, há que se preocupar com uma série de pontos, a saber: 1) os professores e tutores precisam dominar as tecnologias utilizadas, para que todas as novas possibilidades de ensino-aprendizagem que a EaD traz a tona possam ser aproveitadas e as utilizem pedagogicamente. Tecnologia *per si* não traz nenhuma revolução educacional (Schlemmer, Lopes, & Sabrito, 2013); 2) há que se ter uma grande preocupação, por parte dos professores, de que efetivamente houve um aprendizado por parte do aluno. A relação ensino e aprendizagem precisa ser constantemente avaliada e criticada, para que se atinja a qualidade de aprendizagem necessária para a formação do aluno (Schlemmer, Lopes, & Sabrito, 2013); 3) os gestores dos cursos EaD são peça-chave para o sucesso da EaD, cabendo aos mesmos, não só participar do planejamento do curso, mas também da sua implantação e execução (de Lima e Gonçalves, 2012); 4) deve-se preocupar com o design instrucional, pois a sua discussão dentro da instituição de ensino - critérios, competências, desempenho, gestão e avaliação, - permite com que aja uma melhoria dos projetos de ensino-aprendizagem à distância (Romiszowski, 2011); 5) há que se preocupar com a readaptação e qualificação dos professores e tutores a essa nova modalidade de educação, bem como de toda a equipe de apoio. O professor precisa ser mais atuante, usar conteúdo e processos adequados de avaliação, usar metodologia de ensino- aprendizagem adequada e garantir a construção do conhecimento por parte do aluno, com interação e dinamismo (Duarte, 2011; Correia & dos Santos, 2013); 6) existência de infraestrutura tecnológica eficiente e adequada, bem como o acompanhamento de todas as novidades tecnológicas que surgem e que de alguma forma

podem trazer benefícios para a formação dos alunos (Correia & dos Santos, 2013); 7) o aluno precisa compreender quais as demandas da EaD, bem como o nível de comprometimento e dedicação esperados para essa modalidade de educação, que são bem diferentes dos exigidos pela educação presencial (Netto, Guidotti & Santos, 2012); 8) definição de projetos pedagógicos interativos, colaborativos e flexíveis, alinhados com as características culturais dos alunos (Duarte, 2011); 9) deve-se ter um cuidado com o material didático utilizado, desde a definição dos temas a serem expostos até a sua adequação às plataformas tecnológicas e ambiente educacional usados, passando-se pela avaliação contínua, que precisa de um tratamento pedagógico focado no atendimento dos objetivos educacionais e considerando o contexto e perfil dos alunos. Cada curso terá um material customizado para suas necessidades, ou seja, cada material é único para o atendimento aos objetivos do seu curso, em específico (Duarte, 2011).

O preconceito contra o EaD não possui como origem somente os alunos. Quando se trata de ensino superior, os próprios docentes e as próprias instituições acadêmicas podem ser uma fonte de preconceito (Alencar, da Silva, Lima, Firmo, & Queiroz, 2015), seja por falta de conhecimento, seja por corporativismos ou necessidade de manter os *status quo*. A visão, por parte da própria academia, de que a educação na modalidade EaD é um instrumento de propagação de ensino de baixa qualidade e que possui o objetivo de promover a expansão do ensino superior a qualquer preço, como uma linha de produção, é relativamente comum. A EaD é, nesse contexto, entendida como uma ferramenta utilizada para mascarar deficiências de políticas públicas de expansão do ensino (Arruda & Arruda, 2015).

Discute-se a ampliação da EaD nos diferentes contextos das políticas públicas educacionais no Brasil. A oferta de cursos EaD seria movimento de promoção de políticas públicas emergenciais e, neste sentido, pode ser entendido como um ensino com um grau elevado de precariedade (Arruda & Arruda, 2015). Afirma-se que se trata de uma tentativa de mercantilização do ensino superior e que o movimento da EaD não estaria de fato preocupado com o aprendizado do aluno. Uma das manifestações onde imperou o preconceito contra a EAD e que se tornou mais notória na mídia recente, foi à realizada pelo Conselho Federal de Serviço Social (De Oliveira, 2013).

Figura 4 - Exemplo de Preconceito Contra EaD



Fonte: De Oliveira (2013, p. 82)



A pesquisa sobre preconceito contra a EaD não finaliza apenas com a análise da relação ensino- aprendizado, mas envolve também análises de fatores externos. De acordo com Alencar *et al* (2015) faz-se necessário uma melhor divulgação dos cursos baseados na EaD, tanto do ponto de vista do marketing propriamente dito, quanto sobre a própria modalidade de educação, além dos aspectos formais da EaD, como a validade desses cursos à luz da legislação brasileira, assim como a aceitação de formados em cursos baseados em EaD pelo mercado.

#### **4. Análise dos resultados**

O perfil dos respondentes possui as seguintes características: 1) Predomínio do sexo Masculino, com 55,6%; 2) Grande maioria, mais especificamente 91%, está na faixa entre 25 e 55 anos de idade; 3) Grande maioria, mais especificamente 91%, reside na região sudeste; 4) Predominância de engenheiros de formação, com 36%; 5) Maioria com formação acadêmica mínima de pós-graduação (especialização e aperfeiçoamento), com 81%; 6) Maioria já havia realizado curso a distância, 63%, mais preponderantemente cursos de pós-graduação (especialização e aperfeiçoamento).

Foram consideradas as respostas dos 100 respondentes que participaram da pesquisa. Destes, setenta e oito (78%) afirmaram que há preconceito contra o EaD, enquanto que os demais 22 (22%) respondentes afirmaram que não.

Após a análise de conteúdo dos 78 respondentes, que afirmaram que há preconceito contra o EaD, foi possível construir a lista de categorias, suas respectivas descrições e exemplos extraídos dos comentários dos respondentes que corroboram com as categorias criadas:

##### **Categoria 1 – Qualidade do Conteúdo**

O conteúdo dos cursos EaD são de pior qualidade, se comparados ao modelo presencial.

Exemplos:

Respondente 23 - “Qualidade quanto ao conteúdo e didática de ensino. ”

Respondente 79 - “EAD são tidos como muito superficiais em conteúdo. ”

Nessa categoria, a percepção dos entrevistados é bastante objetiva e o foco volta-se para a suposta má qualidade do conteúdo dos cursos EaD, como razão para o preconceito. Os cursos em EaD são superficiais, em termos de conteúdo.

##### **Categoria 2 – Qualidade do Ensino**

O ensino dos cursos EaD são de pior qualidade, se comparados ao modelo presencial.

Exemplos:

Respondente 25 - “Acredita-se que a qualidade de ensino seja inferior”

Respondente 28 - “Ausência de comprovação da qualidade do ensino à distância”

Respondente 84 - “Dificuldade de garantir a qualidade do ensino e medir o real aprendizado do aluno, principalmente em comparação ao ensino presencial. ”.

Nesta categoria, a percepção dos entrevistados é também objetiva e o foco direciona-se para a suposta má qualidade do ensino dos cursos EaD, como razão para o preconceito. Dessa forma, há concepção de que o processo de ensino-aprendizagem é menos eficaz do que o ensino presencial.

### **Categoria 3 – Qualidade Geral**

Os cursos de EaD são de pior qualidade, se comparados ao modelo presencial.

Exemplos:

Respondente 100 - “Acredito que muitas pessoas acham que possui uma qualidade menor do que o curso presencial. ”.

Respondente 26 - “Desconfiança que as pessoas não tenham o mesmo nível de preparação do que as pessoas que cursam presencialmente. ”.

Respondente 32 - “PRECONCEITOS QUANTO A QUALIDADE. ”.

Já nessa categoria, há uma percepção desfocada em relação aos requisitos de qualidade que fazem com que um curso de EaD tenha uma pior qualidade do que os cursos presenciais. Há um temor com relação à qualidade dos cursos EaD, que é considerada baixa, possuem baixo desempenho, pouca profundidade, são ineficazes, incompletos, mal estruturados, sem critérios e foco. Os alunos dos cursos EaD não possuem o mesmo nível de preparação do que aqueles que cursam os cursos presenciais. Há uma percepção de dificuldade em se avaliar o aluno nos cursos EaD e desconfiança de que há fraude nas avaliações. Sugere-se que não existe garantia de qualidade por parte das instituições que possuem cursos baseados em EaD e os cursos presenciais são mais bem avaliados. Falta seriedade e sensação de que os alunos não estão aprendendo, que os cursos são de menor expressão. Para os respondentes, não há evidências que provem o contrário, no que diz respeito a inferioridade do curso EaD em relação ao presencial.

### **Categoria 4 – Credibilidade**

Os cursos de EaD não possuem credibilidade dos alunos, se comparados ao modelo presencial.

Exemplos:

Respondente 99 - “Falta de credibilidade. ”

Respondente 46 - “Falta de credibilidade. ”

Respondente 24 - “FALTA DE CREDIBILIDADE”

Mais uma vez, de forma objetiva, há a percepção de que os cursos EaD não são confiáveis, ou seja, há um sentimento de desconfiança e dúvida com relação às possibilidades de fraudes e falta de controle e respaldo das instituições de ensino, bem como do sistema como um todo. No entanto, entende-se que essa falta de credibilidade é passageira, pois os cursos são considerados como novos.

### **Categoria 5 – Conhecimento**

Falta de conhecimento sobre a EaD.

Exemplos:

Respondente 27 - “Preconceito por falta de conhecimento. ”

Respondente 33 - “desconhecimento”

Respondente 35 - “Falta de informação. ”

Nessa categoria os respondentes foram enfáticos em ressaltar que a falta de conhecimento e informação como um todo, da metodologia, bem como dos resultados gerados por essa modalidade de educação são as causas do preconceito contra a EaD.

### **Categoria 6 – Facilidade**

Os cursos de EaD são mais fáceis de serem realizados, se comparados aos cursos presenciais.

Exemplos:

Respondente 31 - “Como não há maiores cobranças, seria fácil demais.”

Respondente 26 - “Acreditarem que os cursos sejam mais fáceis de passar.”

Respondente 41 - “Quem não fez curso EAD tem a impressão de ser um curso fácil, que é relaxado.”

Nessa categoria, os respondentes informam que os cursos EaD carecem de rigor, são mais frouxos e os alunos aprovados mais facilmente, se comparados aos cursos presenciais. Acredita-se em uma menor cobrança nesse tipo de curso, que é considerado mais fácil de ser concluído com sucesso, se comparados aos cursos presenciais.

### **Categoria 7 – Interação**

Há falta de interação entre os professores/alunos e alunos/alunos, se comparado aos cursos presenciais.

Exemplos:

Respondente 23 - “Falta de trocas de experiência entre professores e alunos, principalmente nos cursos voltados a educação, em que há a falta de interação como importante elemento no processo ensino-aprendizagem.”

Respondente 40 - “Não é igual a um curso presencial aonde há uma maior troca de conhecimentos e informações. O network que fazemos presencialmente não acontece com remoto.”

Respondente 51 - “a principal razão do preconceito é a impessoalidade da relação de quem ensina e quem aprende.”

Há uma percepção de que falta de interação entre os professores/alunos e entre alunos/alunos, de forma a ter pouca troca de experiências, informações e *networking*; se comparado com os cursos presenciais, o que impacta o processo de ensino-aprendizagem. Há impessoalidade na relação entre professor e aluno e que não é benéfica.

### **Categoria 8 – Divulgação**

As características da EaD não são divulgadas corretamente pelas instituições de ensino.

Exemplos:

Respondente 29 - “Instituições Muitas Vezes Não Fazem UmA Boa Divulgação Dos Resultados Na Mídia Especializada, Já Vi Várias Instituições Contratando Artistas Pra Divulgar Sua Marca Por Exemplo Uniasselvi (Kroton) Desculpa Mas Essa Pessoa Não EstudOu Lá Não Tem NenUma RelaçãO, Não Dá Pra Ligar Uma Coisa A Outra.”

Respondente 87 - “Desconhecimento do sistema. Falta de divulgação.”

Respondente 98 - “poucos exemplos de grandes nomes ou profissionais excelentes que tenham se destacado e revelado posteriormente que se formaram à distância.”

Há uma compreensão de que as características do sistema de educação a distância não são bem divulgados, assim como não há a divulgação de profissionais de sucesso que se formaram por meio de cursos a distância. A EaD precisa que seus resultados sejam apropriadamente divulgados, para que sejam conhecidos. Necessita-se de uma melhor comunicação das características dessa modalidade de educação com o mercado consumidor, além da divulgação da própria lista de cursos disponíveis em EaD.

### **Categoria 9 – Resistência**

Os atores envolvidos possuem resistência às novidades e os cursos EaD são recentes, se comparados aos cursos presenciais e ainda não foram exaustivamente validados pelo mercado.

Exemplos:

Respondente 34 - “Desconhecimento e resistências às novidades. ”

Respondente 57 - “Tudo que é novo ” ou relativamente novo, traz insegurança justamente pela ausência das experiências feitas a longo prazo. Isto significa, em números , a no mínimo vinte anos de ensaios, ajustes e eficácia do método.”

Respondente 62 - “Falta de vivência/ experiência”

Os envolvidos possuem resistência às novidades e os cursos *online* são recentes, comparados aos cursos presenciais, ainda não totalmente validados pelo mercado. Os cursos EaD carecem de usabilidade ao longo do tempo, de vivência, de experiência, para que se solidifiquem como uma alternativa viável, uma vez que há poucas pessoas fazendo cursos EaD. As pessoas estão habituadas com os modelos tradicionais de educação, com a presença do professor, às vezes paternalista e que não instiga o autoconhecimento e a pesquisa. Mudanças geram resistência e há uma falta de adaptação por parte dos alunos.

### **Categoria 10 – Enquadramento**

Alguns cursos não são apropriados para serem realizados por meio da EaD

Exemplos:

Respondente 42 - “Nao seria bem preconceito... mas alguns cursos não são passíveis de enquadrar no modelo Ead. Cursos que exigem infra estrutura minima de labotarorios, areas de ensaio etc. por exemplo. ”

Há uma percepção de que apenas determinadas matérias são apropriadas para ser providos totalmente pela internet. Cursos como Medicina ou Odontologia, por exemplo, exige o contato com os pacientes, o que impede que sejam realizados integralmente pela internet.

### **Categoria 11 – Comportamento**

Os alunos possuem preconceito com os cursos EaD devido a problemas comportamentais pessoais.

Exemplos:

Respondente 48 - “Acho que as pessoas projetam nas outras seus próprios defeitos. Então se alguém sabe que não teria disciplina para seguir com seriedade um curso a distância, não acredita que outro possa fazê-lo. ”

Respondente 41 - “Pela experiência que eu tive, os cursos EAD requerem muito mais dedicação dos que eu realizei presencialmente. ”

Respondente 56 - “Cultural – o brasileiro não acredita em comprometimento e concentração. ”

Os comportamentos dos alunos dificultam a realização dos cursos EaD e interferem no prejulgamento que os mesmos fazem a respeito dessa modalidade de educação. Dentre os principais comportamentos, destacam-se: falta de dedicação, isolamento, falta de seriedade, falta de interesse de ambas as partes (aluno e professor/instituição), falta de maturidade, comprometimento e concentração.

### **Categoria 12 – Instituições**

Falta de instituições sérias, renomadas e preocupadas com a qualidade da educação à distância.

Exemplos:

Respondente 55 - “Ausencia de instituicoes com nome forte nessa area.”

Respondente 83 - “Falta de conhecimento da modalidade e algumas instituições picaretas que estão no mercado.”

Respondente 60 - “Diversas instituições preocupadas em vender um produto, mas sem garantir aprendizado e atesta lo”

Percebe-se que há uma carência de instituições de renome que fornecem cursos baseados na EaD. Há instituições que são consideradas como picaretas e acabam criando uma má percepção dessa modalidade de educação. Há uma sensação de que as instituições estão preocupadas em vender cursos EaD, sem garantir e atestar o aprendizado efetivo do aluno, ou seja, falta seriedade das instituições, que buscam dar um diploma em troca de uma baixa exigência de conteúdo e qualificação duvidosa. Não há um controle e monitoramento efetivo, por parte da instituição, do processo e da formação de qualidade dos alunos EaD.

### **Categoria 13 – Corporativismo**

Há um *lobby* para que seja feito cursos presenciais, em detrimento aos cursos online.

Exemplos:

Respondente 72 - “Desconhecimento do método, corporativismo. ”

Há uma percepção de que ainda existe um cooperativismo, um *lobby* a favor do sistema tradicional de ensino, que impede que a EaD se desenvolva apropriadamente.

Além das categorias acima, percebe-se o preconceito na resposta dos respondentes, que ao serem questionados sobre as razões para a existência do preconceito contra a EaD afirmaram: “EaD parece um faz de conta. Há um longo caminho para mostrar que o curso é sério” - Entrevistado 39. No entanto, não há menção a nenhuma argumentação que suporte tal afirmativa.

A fim de auxiliar na análise dos dados, de forma a identificar corretamente quais das referidas categorias são efetivamente preconceitos, realiza-se uma classificação das categorias em quatro tipos, conforme Tabela 1: 1) Totalmente Preconceito – A categoria como um todo é um prejulgamento sem argumentos acadêmicos que a suportem, 2) Parcialmente Preconceito – Parte ou elementos da categoria são prejulgamento sem argumentos acadêmicos que a suportem, 3) Fatos Duvidosos – Apesar de parte ou a totalidade das características da categoria parecer ser um prejulgamento, não há avaliação acadêmica que sirva de suporte para validação se trata de preconceito ou não e 4) Fatos Concretos – As características da categoria não são prejulgamentos, mas sim fatos reais, logo, não podem ser tratados como preconceitos.

Tabela 1- Classificação das Categorias

<b>Totalmente Preconceito</b>	<b>Parcialmente Preconceito</b>	<b>Fatos Duvidosos</b>	<b>Fatos Concretos</b>
		Categoria 1	
		Categoria 2	
		Categoria 3	
Categoria 4			
Categoria 5			
		Categoria 6	
	Categoria 7		



Categoria 8			
Categoria 9			
	Categoria 10		
		Categoria 11	
		Categoria 12	
	Categoria 13		

Apenas as categorias classificadas como Preconceito ou Parcialmente Preconceito foram consideradas nesse artigo, para fim de análise e conclusão. Dessa forma, garante-se um rigor metodológico e o uso efetivo das informações associadas ao tema preconceito contra a EaD.

## 5- Conclusão

Identifica-se uma sinergia entre a academia e o mercado, pois a comparação entre o referencial teórico e os resultados dessa pesquisa apontam, para a existência de preconceito contra a EaD. Conclui-se que ainda não está efetivamente e exaustivamente pesquisado se a EaD é pior, igual ou melhor do que o ensino presencial. No entanto, já há estudos que provam que com a mescla de ambas as modalidades, há sim uma melhoria efetiva no aprendizado. Dessa forma, sugere-se que há certo nível de preconceito contra a EaD, tanto entre os discentes, quanto entre os docentes. Porém, vale ressaltar que algumas resistências contra a EaD são factuais e não podem ser consideradas como preconceito, mas sim uma desvantagem real dessa modalidade de educação.

Uma vez identificado que há efetivamente um preconceito contra a EaD, após a categorização dos dados coletados, dos 78% dos respondentes que acreditam haver preconceito contra a EaD e comparação com o referencial teórico abordado, identificou-se que as principais razões as justificam são: 1) há uma grande falta de confiança em relação ao EaD, uma falta de credibilidade dessa modalidade de educação junto aos atores envolvidos, devido a sensação de haver fraudes, falta de controle ou mesmo respaldo das instituições que promovem esse tipo de educação; 2) um dos grandes motivos para a existência do preconceito contra a EaD é a falta de conhecimento sobre essa modalidade de educação, que apesar de não ser nova, foi recentemente incorporada no contexto brasileiro e está em franco crescimento, o que a coloca em maior evidência. De fato há uma falta de conhecimento por parte dos atores envolvidos; 3) a baixa interação e possibilidade de se fazer *networking* é colocada como um fator negativo contra a EaD, no entanto, há alternativas para lidar com essa dificuldade, como os cursos híbridos; 4) há um maior preconceito, também, por baixa divulgação da existência dos cursos, por parte das instituições, isto é, campanhas de marketing mais efetivas, bem como sobre a modalidade de educação *per si*, seus aspectos relacionados ao reconhecimento e efetividade dos resultados; 5) a falta de hábito e costumes dos atores envolvidos com a EaD acaba por gerar preconceito, pois como essa modalidade é tida como nova, as mudanças podem gerar resistência; 6) uma outra explicação para a existência de preconceito contra a EaD é a percepção de que esta modalidade de educação não se enquadra a determinado curso, que exige uma prática física, em laboratório, como cursos de odontologia ou medicina. No entanto, com a existência de cursos híbridos, que incorporam EaD considerando o contexto do curso, a não aceitação do EaD deve-se a falta de conhecimento, já a abordada acima; 7) por fim, o corporativismo dos professores, que enxergam a EaD como um risco a manutenção do

seu *status quo* conquistado ao longo do tempo, nos cursos presenciais, de forma que a resistência contra a EaD é infundada.

Destaca-se que os pontos mencionados são percepções dos respondentes sem uma devida argumentação e há argumentos acadêmicos que os contradizem.

Vale ressaltar outros achados de pesquisa que são pertinentes. Apesar de não serem caracterizados como atitudes preconceituosas, há alguns aspectos relacionados à EaD que precisam ser melhor tratados e pesquisados, para que essa modalidade seja melhor reconhecida: 1) os aspectos relacionados à qualidade do ensino, do conteúdo e da EaD, de forma geral, precisam ser melhor avaliados e comprovados academicamente Brasil, para que atinja-se o patamar dos cursos de EaD no exterior, que não precisam se defender a esse respeito; 2) há também a necessidade de comprovar-se, academicamente, se os cursos baseados em EaD são mais fáceis do que os cursos presenciais; 3) há também que se confirmar por meio de pesquisas, se de fato a necessidade de comportamento dos alunos diante da nova forma de fazer educação com a EaD realmente diminui a percepção positiva que os alunos possuem sobre o EaD e 4) por fim, precisa pesquisar em detalhes como as instituições de ensino, pública e privadas, estão tratando os cursos baseados em EaD. As instituições estão orientadas, predominantemente ao lucro, voltadas a atender uma demanda em expansão ou estão, efetivamente, preocupados em desenvolver cursos que garantam um aprendizado de qualidade por parte dos alunos?

Com relação às contribuições gerenciais e acadêmicas podemos citar: 1) identificada as razões para a existência do preconceito contra a EaD, os gestores de instituições de ensino, que possuem cursos EaD podem tomar medidas para que tal preconceito seja reduzido ao máximo, potencializando os seus negócios e 2) como os estudos acadêmicos sobre preconceito contra a EaD parecem ser escassos, esse artigo contribuiu com informações importantes, baseadas em uma pesquisa de campo, que põe em evidência um assunto que merece ser mais discutido academicamente.

Estudos futuros poderiam criar escalas para mensurar o grau, nível de preconceito com relação à EaD, tanto nos alunos, quanto nos professores e das instituições, de forma a ser possível planejar ações para a redução gradativa desses preconceitos.

Há que pesquisar também os aspectos pouco estudados, como a qualidade da EaD; se os cursos de EaD são mais fáceis que os presenciais; se o comportamento dos alunos, a disciplina interfere na sua percepção sobre a EaD; e uma detalhada avaliação das instituições, sob a perspectiva da preocupação com o aprendizado do aluno e a aplicabilidade do conhecimento no dia a dia profissional.

Sugere-se, ainda, que sejam pesquisadas formas de reduzir o preconceito contra a EaD, em face da importância da EaD para a sociedade. Ações efetivas precisam ser pensadas e implementadas para que a EaD seja aceita como mais uma modalidade de educação e não como um curso de segunda categoria.

Uma das limitações do trabalho, e que está presente em todas as pesquisas de caráter qualitativo, é a possível interferência dos autores na análise dos dados e posterior categorização, o que pode enviesar os resultados.

Busca-se com esse artigo contribuir com informações importantes a respeito das razões para a existência do preconceito contra a EaD. Espera-se contribuir para a redução do preconceito contra essa importante modalidade de educação, que possui um potencial de democratizar o ensino em países como o Brasil, carente de uma educação acessível em seu imenso território

Por fim, vale destacar que esse artigo não busca ser conclusivo a respeito do preconceito sobre a EaD, mas sim propiciar uma reflexão a respeito do tema pesquisado, de forma a colaborar com os estudos relacionados ao tema EaD no contexto brasileiro.

## Referências

- Abbad, G. (2014). Educação a Distância: O Estado da Arte e o Futuro Necessário. *Revista do Serviço Público*, 351-374. Acesso em 5 de Janeiro de 2016, disponível em <http://seer.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/178/183>
- Alencar, G., da Silva, J., Lima, M., Firmo, A., & Queiroz, A. (2015). Uma Análise do Modelo de EAD da UAB na Perspectiva de Atuais e Possíveis Estudantes no Estado de Pernambuco. *Anais temporários do LACLO 2015*, 306-315. Acesso em 5 de Março de 2016, disponível em <http://www.br-ie.org/pub/index.php/teste/article/view/5812/4102>
- Almeida, N. (2014). *Preconceito x crescimento da educação à distância no Brasil : uma discussão frente à realidade da UnB/UAB no curso de pedagogia*. Monografia, Universidade de Brasília, Brasília. Acesso em 22 de Abril de 2016, disponível em <http://bdm.unb.br/handle/10483/7866>
- Arruda, E. P., & Arruda, D. E. (Julho-Setembro de 2015). Educação à Distância No Brasil: Políticas Públicas e Democratização do Acesso ao Ensino Superior. *Educação em Revista*, 31(3), 321-338. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698117010>
- Associação Brasileira de Educação a Distância. (2015). *Censo EAD.BR: Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2014*. ABED. Curitiba: Ibpx. Acesso em 02 de Abril de 2016, disponível em [http://www.abed.org.br/censoead2014/CensoEAD2014\\_portugues.pdf](http://www.abed.org.br/censoead2014/CensoEAD2014_portugues.pdf)
- Baratella, R. (21-23 de Outubro de 2013). Um Foco Histórico da EaD. *Encontro de Pesquisa em Educação*, 108-122. Acesso em 02 de Abril de 2016, disponível em <http://revistas.uniube.br/index.php/anais/article/view/724/1021>
- Bechara, E. (2009). *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira.
- Bertolin, J. G., & Marcon, T. (Março de 2015). O (des)entendimento de qualidade na educação superior brasileira: das quimeras do provão e do Enade à realidade do capital cultural dos estudantes. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, 20(1), 105-122. doi:<http://dx.doi.org/10.590/S1414-40772015000100008>
- Cachoeira, A., & Baade, J. (2014). A Gênese do Preconceito: Uma Reflexão a Partir da História da África. *Identidade!*, 18(2). Acesso em 25 de Abril de 2016, disponível em <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/1081/1115>
- Campos, F. (2007). *Fundamentos da Educação a Distância*. Juiz de Fora: Editar.
- Correia, R. L., & dos Santos, J. (2013). A Importância da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) na Educação a Distância (EAD) do Ensino Superior (IES). *Revista Aprendizagem em EAD*, 1-16. Acesso em 5 de Janeiro de 2016, disponível em <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/raead/article/view/4399/2899>
- Costa, C., & Cochi, C. (2014). A expansão do Ensino Superior no Brasil e a Educação a Distância: instituições públicas e privadas. *Teoria e Prática da Educação*, 16(1), 21-32. Acesso em 22 de Abril de 2016, disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/23756>
- de Almeida Filho, C. (3 de Junho de 2015). O Avanço da Educação a Distância no Brasil e a Quebra de Preconceitos: Uma Questão de Adaptação. *Revista Multitexto*. Acesso em

- 22 de Abril de 2016, disponível em  
<http://www.ead.unimontes.br/multitexto/index.php/rmcead/article/view/103>
- De Oliveira, H. (2013). *Educação a Distância: Uma Fórmula Discursiva*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas. Acesso em 19 de Abril de 2016, disponível em  
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000907117>
- De Oliveira, A. M. (2014). Preconceito, Estigma e Intolerância Religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais. *Estudos de Sociologia*, 1(13), 239-264.
- Dos Santos, E., Tomotake, M., Neto, J., Cazarini, E., Araújo, E., & Oliveira, S. (2008). Evasão na Educação a Distância: Identificando Causas e Propondo Estratégias de Prevenção. *CLABES*, 10.
- Duarte, Z. (2011). *Educação a Distância (EaD): Estudo dos Fatores Críticos de Sucesso na Gestão de Cursos da Região Metropolitana de Belo Horizonte na Visão dos Tutores*. Dissertação de Mestrado, Universidade FUMEC, Belo Horizonte. Acesso em 07 de Abril de 2016, disponível em  
[http://www.fumec.br/anexos/cursos/mestrado/dissertacoes/completa/zalina\\_maria.pdf](http://www.fumec.br/anexos/cursos/mestrado/dissertacoes/completa/zalina_maria.pdf)
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2013). *Censo da Educação Superior - Resumo Técnico 2013*. INEP, Brasília. Acesso em 13 de Março de 2016, disponível em  
[http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2013/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_superior\\_2013.pdf](http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2013/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2013.pdf)
- Kinchescki, G. F., Alves, R., & Fernandes, T. T. (2015). Tipos de Metodologias Adotadas nas Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina, no Período de 2012 a 2014. *Anais dos Colóquios Internacionais sobre Gestão Universitária*, 16. Acesso em 22 de Abril de 2016, disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/136196>
- Mancebo, D., Do Vale, A. A., & Martins, T. B. (Março de 2015). Políticas de expansão da educação superior no Brasil 1995-2010. *Revista Brasileira de Educação*, 20(60), 31-50. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782015206003>
- Manuel, D., Silva, M., & De Oliveira, R. (2015). A Origem do Preconceito. *FEPI*, 6(1). Acesso em 23 de Abril de 2016, disponível em  
<http://www.fepi.br/revista/index.php/revista/article/view/260/147>
- Martins, L. (2012). *Aprendizagem em ações educacionais a distância: fatores influentes no desempenho acadêmico de universitários*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto. Acesso em 22 de Abril de 2016, disponível em  
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-02102012-123253/pt-br.php>
- Martins, L., & Zerbini, T. (Setembro de 2014). Educação a distância em instituições de ensino superior: uma revisão de pesquisas. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 271-282. Acesso em 01 de Abril de 2016, disponível em  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572014000300003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572014000300003)
- Mendes, V. (2012). O trabalho do tutor em uma instituição pública de ensino superior. *Educação em Revista*, 103-132. Acesso em 01 de Abril de 2016, disponível em  
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102->

- 46982012000200006&script=sci\_abstract&tlng=pt
- Mezzari, A. (Janeiro-Março de 2011). O uso da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) como reforço ao ensino presencial utilizando o ambiente de aprendizagem Moodle. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 35(1). doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022011000100016>
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32. Acesso em 19 de Abril de 2016, disponível em [http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html](http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html)
- Moran, J. (Junho de 2004). Desafios que a educação a distância traz para a presencial. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, 27-33. doi:<http://dx.doi.org/10.17921/2447-8733.2004v5n1p%25p>
- Nascimento, L. F., da Silva, R. M., & Figueiró, P. S. (Abril-Junho de 2013). Presencial ou a distância: a modalidade de ensino influencia na aprendizagem? *Administração: Ensino e Pesquisa*, 14(2), 311-341.
- Netto, C., Guidotti, V., & Santos, P. K. (2012). A evasão na EaD: investigando causas, propondo estratégias. In *Anais da Segunda Conferencia Latinoamericana sobre el abandono en la Educacion Superior*.
- Patto, M. (Junho de 2013). O ensino a distância e a falência da educação. *Educação e Pesquisa*, 39(2), 303-318. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022013000200002>
- Renosto, R. C., & Cardoso, R. P. (2015). Um Modelo Híbrido de Educação: Aproximações Entre o Presencial e o Virtual. *Revista Cesuca Virtual*, 197-206. Acesso em 02 de Abril de 2016, disponível em <http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/cesucavirtual/article/view/920>
- Romiszowski, H. (2011). Referências de Qualidade no Design Instrucional. *Revista ABED*, 9. Acesso em 1 de Abril de 2016, disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/288.pdf>
- Santos, J. (2006). Avaliação no Ensino a Distância. *Revista Iberoamericana de Educación*, 1-9. Acesso em 2 de Abril de 2016, disponível em <http://rieoei.org/deloslectores/1372Severo.pdf>
- Schlemmer, E., Lopes, D., & Sabrito, C. (2013). UNISINOS EaD: Gestão para a Qualidade e Inovação na Educação. *Colabor@ - A Revista Digital da CVA-RICESU*, 1-13. Acesso em 2 de Abril de 2016, disponível em <http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/view/193>
- Teixeira, I. (2013). *EAD, O Ensino a Distância*. Acesso em 1 de Abril de 2016, disponível em Blog do Ira: <http://irapuanteixeira.blogspot.com.br/2013/03/ead-o-ensino-distancia.html>
- Zaparolli, D. (2012). *Crescimento X Discriminação*. Acesso em 01 de Abril de 2016, disponível em Jornal Folha de São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colonista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/57259-crescimento-x-discriminacao.shtml>